
A DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÕES CONTÁBEIS E FINANCEIRAS NO MUNDO VIRTUAL

RESUMO

Os quadros demonstrativos contábeis não conseguem mais informar, satisfatoriamente, a exposição de risco financeiro de uma empresa. Surgiram novos instrumentos operados fora do balanço, como derivativos e contratos com obrigações contingentes. As Notas Explicativas e o Relatório de Administração não tem sido suficientes para suprir essa deficiência de informação. O foco atual está em facilitar a obtenção de dados diretamente pelos usuários, mas até a pouco não existia uma linguagem adequada, universal para transmissão de informações contábeis. Esta situação está sendo modificada com a introdução de XBRL, uma forma de “etiquetagem” de informação, baseada na linguagem XML. Esta nova tecnologia oferece vantagens importantes e foi recomendada para uso pelo International Accounting Standard Board - IASB e pelo Security Exchange Commission - SEC. Este artigo discute os efeitos não intencionais do projeto XBRL e examina, também, o potencial da tecnologia, para melhorar a evidenciação de dados financeiros através do Projeto Galileo. Este projeto, que visualiza um novo enfoque tecnológico na avaliação do desempenho de uma empresa, foi apoiado pelo Instituto Americano de Contadores (AICPA) e tenta motivar as autoridades contábeis a pensarem em novos métodos, para melhorar mensuração e intercâmbio de dados financeiros.

Palavras-chave: XBRL, XML, IASC, Plano de Contas, DOAR, DFC, US-GAAP, Taxonomia, Harmonização Contábil.

Fernando Pereira Tostes

Professor-Doutor da Faculdade de Administração e Finanças da UERJ nos programas de Mestrado e Graduação em Ciências Contábeis.

E-mail: ftostes@visualnet.com.br

Miklos A. Vasarhelyi

Professor-Doutor da Rutgers University em New Jersey – EUA, é especialista em auditoria contábil em computadores e auditoria contínua.

E-mail: miklosv@andromeda.rutgers.edu

ABSTRACT

The original business measurement model was developed for the industrial organization of the 19-20th century under a regime of limited to non-existent information technology. While business organizations have changed substantively towards an information organization whose main assets are not physical in nature, the measurement model has not evolved sufficiently and so it is poorly equipped to deal with the emerging information organization. Consequently, new and improved accounting and reporting requirements and mechanisms are needed to meet our commitment to the user/public marketplace of the 21st century. The opportunity comes with XBRL, a new tool designed to overcome the inefficiencies of disparate, non-integrated and outsourced accounting and financial systems by using the power of XML – the Extensible Markup Language. XBRL is an agreement on how to represent accounting and after-the-fact operation information – anything that is found in a chart of accounts, journal entries or historical transactions, financial and non-financial – and transfer it to and from a data hub or communicate it in a data stream. The new technology has been

recommended by the IASB, the AICPA and the SEC. Finally, the article examines some unintentional effects of the XBRL project.

Keywords: XBRL, IASC, US-GAAP, Taxonomy, Accounting Harmonization

1 O CRESCIMENTO DA DEMANDA DA INFORMAÇÃO CONTÁBIL

O método de partidas dobradas para registrar operações financeiras é à base da contabilidade e dos inúmeros quadros demonstrativos decorrentes – balanço patrimonial, demonstração de resultado, etc. Ajuda, também, na criação de um grande número de relatórios operacionais de contabilidade gerencial, que servem para gerir a empresa.

Já há algumas décadas, o conjunto de demonstrações contábeis vem dando sinais de exaustão, como fonte de informação. A primeira forma criada para complementar os quadros demonstrativos foram as Notas Explicativas e, posteriormente, o Relatório de Administração. São seções do relatório contábil onde se descreve mais com palavras do que em números, a situação econômica, o mercado onde a empresa atua, competição, e outros aspectos. Essa “área semântica” do relatório anual das empresas, nunca atendeu, satisfatoriamente, seus usuários. Com frequência são textos contendo mera propaganda da Diretoria, às vezes mal escritos, que pouco ou nada informam. Além disso, não provêm uma base sólida de comparação para medir o desempenho das empresas, sendo, portanto de valor limitado. O usuário de informação financeira não só precisa da descrição do estado da empresa, como também, necessita ter a possibilidade de comparar estes dados, com outras empresas do mesmo ramo, para estabelecer contexto.

Por sua vez, os usuários da informação contábil deixaram de ser apenas o fisco, investidores e credores, estendendo-se para professores, sindicatos, consumidores,

prefeituras, ambientalistas, ONGs¹ e outras comunidades.

Para atendê-los, os profissionais desenvolveram algumas tabelas analíticas, incluídas nas Notas Explicativas, como o detalhamento do ativo imobilizado, investimentos em coligadas, financiamentos, etc. Criaram-se uma variedade de novas demonstrações, como a de Origem e Aplicação de Recursos (DOAR), a de Mutações no Patrimônio Líquido (DMPL), a de Valor Adicionado (DVA) e a de Fluxo de Caixa (DFC). Alguns desses novos relatórios são ainda experimentais, como o Balanço Social e o Balanço Ambiental². O Relatório de Administração tem a qualidade questionável, uma vez que, cada empresa escreve o que deseja. Alguns são objetivos e mostram um rico conteúdo informativo, outros se resumem a uma ou duas frases.

A demanda por informação aumentou nos anos 90, graças à globalização, ao progresso em telecomunicação e processamento de dados, tornando possível a comunicação instantânea entre indivíduos, empresas e bolsas de valores. Uma transação pode ser iniciada em Londres e liquidada no mesmo dia, na bolsa de Singapura. As empresas emitem capital próprio ou dívida no mercado mais líquido e vantajoso, ao invés daquele mais próximo, como ocorria até à década de 70. O mercado de *Wall Street* se tornou o catalisador e principal centro de transações, consolidando o Inglês como língua universal de negócios. Mais de 50% do valor das transações internacionais de bolsa são processadas em bolsas norte americanas.

O movimento de inovação tecnológica aliado ao ambiente comercial mais dinâmico induziu a profissão contábil a buscar uma harmonização de padrões contábeis entre países. Abordaremos esse ponto mais adiante.

¹ ONG – Organização Não Governamental

² Para maior informação sobre Balanço Ambiental, ver Cristina F., Aracelli; “Contabilidade Ambiental”; Atlas, 2005.

2 O EFEITO DA INTERNET

A disseminação de informação contábil e financeira via internet vêm se tornando a regra no ambiente empresarial. Existem bons motivos para esse fenômeno:

O custo desta disseminação é menor do que o envio de relatórios escritos ou publicação na imprensa.

A comunicação interativa, via *homepage*, estreita a relação usuário-empresa e permite consultas, críticas e sugestões, orientando a administração³;

O nível de evidenciação melhora devido à facilidade de suplementar a informação obrigatória tradicional.⁴

Para suplementar e facilitar acesso às informações providas pelas empresas (incluindo as oficiais requeridas pela bolsa e autoridades em geral), criou-se empresas de mídia especializadas em prover informação financeira, onde o interessado pode acessar dados numéricos, análises e artigos publicados sobre economia, ramo de atividade e empresas específicas. Entre as mais conhecidas podemos citar Bloomberg, Reuters, Standard & Poors e Edgar Online. No Brasil esse papel é exercido pelos grandes bancos, corretoras, algumas *software houses*, como Partner Online e Economática. Além destes, órgãos públicos como a *Securities and Exchange Commission* (SEC), nos Estados Unidos, e sua equivalente no Brasil, a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) oferecem, também, informações contábeis em seus sites. As próprias empresas, cotadas em bolsa, criaram *websites* interativos, cuja flexibilidade para

fornecer dados financeiros e não-quantitativos melhora constantemente.

O *International Accounting Standards Committee* (IASC)⁵ identifica três estágios que as empresas em geral atravessam, ao implantar sua base informativa, via Internet.

Primeiro, duplicam-se os relatórios escritos, complementando os dados obrigatórios. Para tanto se usam ferramentas como o *software* Adobe Acrobat e arquivos *.PDF que permite a leitura da matéria, sem alterar seu conteúdo.

No *segundo estágio* a empresa fornece instrumento ao usuário a possibilidade de usar o ambiente virtual, para baixar informação financeira, em formato HTML e substituir os relatórios tradicionais em papel.

O *Terceiro estágio* inclui as companhias que desejam ser líderes em tecnologia voltada para prover informação contábil-financeira. Contêm inovações que não se encontra nos sites normais e que permitem ao usuário baixar, mais facilmente, dados quantitativos, planilhas, vídeos, análises e *links* com artigos publicados.

Apesar do esquema de divulgação progressiva de informação financeira, identificado pelo IASC, os problemas de implantação são muito complexos. Mostram um cenário muito difícil, para evidenciar, corretamente, relatórios contábeis e de avaliação de desempenho das empresas. Os pontos abaixo são baseados na discussão para justificar o projeto Galileo⁶:

O esquema básico para avaliar uma empresa, financeiramente, está desacreditado. Foi desenvolvido para a uma sociedade industrial, onde os bens eram físicos. Hoje, na sociedade informacional, os grandes ativos são virtuais (patentes, recursos humanos, marcas, cadeia de suprimento, *softwares* de gestão, etc). Os Princípios Contábeis como o US-GAAP, não cobrem esse domínio com a abrangência necessária.

³ Apesar de atualmente a maioria de comunicação vir da empresa para o usuário essa estrutura tende a mudar. Tecnologia existe para medirem-se quais os “átomos de informação” o usuário acessa. Isto, aliado à metodologias de marketing interativo, servirão para aumentar bastante como o usuário usa a informação provida pela empresa.

⁴ Contingências legais nos Estados Unidos levam companhias a serem tímidas no tocante a proverem informação voluntária. O mesmo não ocorre na Europa. (Lymer, xxxx)

⁵ Business Reporting on the Internet; IASB.org

⁶ <http://raw.rutgers.edu/Galielo.htm>

Conseqüentemente, a validação de dados por parte da auditoria é de pouco valor, uma vez que os dados foram mal mensurados.

O método contábil tenta medir uma entidade dinâmica, altamente facilitada pela tecnologia virtual, sem utilizar esta mesma tecnologia, resultando num processo emperrado e avaliações grosseiras.

A área de “engenharia financeira”⁷ cria instrumentos ilusórios que confundem, deliberadamente, mediadas contábeis. Por exemplo, no caso Enron, muitos *empréstimos* foram engendrados como “*compra futura de capacidade energética*”, ao invés de serem reportados como passivo exigível.

Conseqüentemente, é necessário criar uma nova tecnologia de informação que melhore os métodos para medir e registrar as operações *rapidamente*, servindo de suporte à nova economia, baseada em tempo real⁸. Nessa economia o objetivo é diminuir o atraso entre processos corporativos, a lentidão interna e o tempo para efetuar um processo. Atualmente, existem mecanismos para reduzir esse atraso nos processos. Incluem sensores que medem automaticamente transações, ERPSs, que integram aplicações, painéis de controle, que provêem ao gerente uma plataforma de acesso, e os produtos derivados de XML, tal como o XBRL discutido em seguida.

3 NOVA TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO

O progresso descrito acima só foi possível graças à introdução de novos instrumentos no campo da informática, mesmo assim de modo limitado.

Atualmente, procura-se divulgar e disseminar o uso de uma linguagem, criada em 1999, denominada XBRL – *Extensible Business Reporting Language*⁹, cujo objetivo é simplificar

o intercâmbio de dados contábeis / financeiros e facilitar sua análise. XBRL baseia-se na linguagem XML – *Extensible Mark-up Language*, voltada para comunicar dados quantitativos complexos, como aqueles encontrados em relatórios financeiros.

XML é considerada a linguagem do futuro, permitindo que softwares distintos interajam entre si. O ambiente aberto, bem como, sua flexibilidade e a possibilidade de “etiquetar” dados possibilitarão a criação de novos produtos e serviços, como o acompanhamento em tempo real de dados (p/ex, cotação de títulos). Permite também o monitoramento da informação, com alarmes para orientar auditores e gerentes.

Antes do desenvolvimento da linguagem XML, o intercâmbio de dados era feito manualmente ou dedicado às parcerias comerciais¹⁰. Instrumentos do tipo *Electronic Data Interchange* (EDI) introduziram rapidez e eficiência na transmissão de dados, sobretudo para as grandes empresas que precisavam superar obstáculos de geografia, línguas e zonas horárias diferentes, além de reduzir o erro humano no processo de digitação. O foco da EDI eram as áreas de alfândega, comércio e transporte. A transmissão de dados contábeis não era tão prioritária como o envio do pedido de venda (ou compra), das mercadorias e da transferência de dinheiro.

Talvez por isso o modelo para troca de dados foi desenhado de modo específico e inflexível. Na Europa, por exemplo, havia uma versão específica denominada EDIFICAS. Os documentos eletrônicos em EDI tinham uma apresentação padronizada, sem permitir adaptações. Além disso, muitos produtos eram de arquitetura fechada, com empresas protegendo seus padrões como “proprietárias”. Já a linguagem XML foi desenvolvida visando à flexibilidade e padronização.

⁷ Chama-se coloquialmente de “Engenharia Financeira” a atividade de montar operações financeiras complexas sob medida para o cliente.

⁸ The Economist, “Real Time Economy,” January 31, 2002.

⁹ www.XBRL.org

¹⁰ XBRL for General Ledger, descriptive document in XBRL.org; maio 2001

O XML foi criado pela W3C, associação internacional que promove a criação de padrões para a internet (Web), e significa, em inglês, “linguagem extensível de marcação”. Isto significa que é uma linguagem de marcação (com etiquetas como o HTML) e flexível no sentido que admite sub-padrões, ou seja, linguagens baseadas na sua estrutura são criadas para contextos específicos. Por exemplo, o XBRL e a linguagem XML são apropriados para o contexto de relatórios contábeis e financeiros. Mais de 400 grupos estão desenvolvendo padrões, isto é, linguagens derivadas da XML para indústrias e usos diversos. Por exemplo “Rosettanet” é um dos padrões XML de maior sucesso. RosettaNet¹¹ é uma organização sem fins lucrativos, auto-financiada, composta de um consórcio de fabricantes de componentes eletrônicos e seus distribuidores. Trabalham para criar e implementar um processo com padrões abertos e abrangentes para uso de toda a indústria. Estes padrões formam uma linguagem comum de *e-business*, alinhando processos entre parceiros, na linha de suprimento de informações financeiras, no mundo inteiro. RosettaNet é uma subsidiária da GS1 US, anteriormente, denominada “Uniform Code Council, Inc. (UCC)”.

Para entender o que são XML e XBRL, podemos compará-los ao tráfego de informação de uma Companhia Aérea: Os aviões (computadores) apanham os passageiros (dados) em diversas cidades (bancos de dados das empresas) e levam-nos, por meio de planos de navegação e rotas pré-determinadas (linguagem XML), para um aeroporto central (servidores - porto de dados ou data hub) e dali para o resto do mundo. Os passageiros dos aviões são *dados identificados* por meio de uma “etiqueta” ou “código de barras” (XBRL) que fornece nome, sexo, idade, profissão, origem, destino, data, preço da passagem, etc. Adiante, esse funcionamento será mais detalhado.

Trata-se de uma ferramenta para superar a ineficiência de sistemas contábeis diferentes, não-integrados e terceirizados. Permite capturar qualquer dado encontrado no Razão Geral, em lançamentos contábeis ou transação efetuada (financeira ou não), transferi-lo a um “porto de dados” e dele a qualquer destino.

XBRL oferece algumas oportunidades interessantes:

É independente do Plano de Contas da empresa. Não requer um plano de contas padronizado para organizar a informação, mas, pode ser usado para juntar diversos dados do Razão contábil (p/ex, valor histórico de marcas da empresa em relação ao valor de mercado) para formar planilhas padronizadas por indústria, comparar e avaliar performance por ramo de atividade, ou tipo de transação difícil de ser mensurado (p/ex, transações com instrumentos derivativos).

Não requer uma demonstração contábil padrão. Coletam-se dados contábeis extraídos do razão, como recebimentos, estoques, fornecedores e dados não-financeiros (p/ex, produção). Posteriormente, pode-se organizá-los em formatos diversos, usando softwares baseados em XBRL, ou remetendo os dados a sites que produzam relatórios; XBRL *não se vincula a qualquer tipo de demonstração financeira, deixando a critério do usuário*. É apenas um “depósito” de dados para análise futura na forma escolhida pelo usuário.

Funciona independente do sistema de informação adotado pela empresa. Qualquer empresa de software pode criar, importar ou exportar rotinas de programa voltadas para converter informações em formato XBRL. Para uma empresa de software contábil, a ela basta desenhar seu próprio método de formatar os arquivos transportados em linguagem XML.

XBRL facilita consolidação de dados. Produtos mais simples, como Quickbooks e outros mais complexos, não foram desenhados para facilitar a consolidação de dados. XBRL permite transferir os arquivos do livro Razão de um sistema para outro, de modo a combinar as operações de várias empresas. Isso torna a

¹¹

<http://www.rosettanet.org/RosettaNet/Rooms/DisplayPages/LayoutInitial>

tecnologia bastante interessante no caso de fusão ou aquisição de empresas.

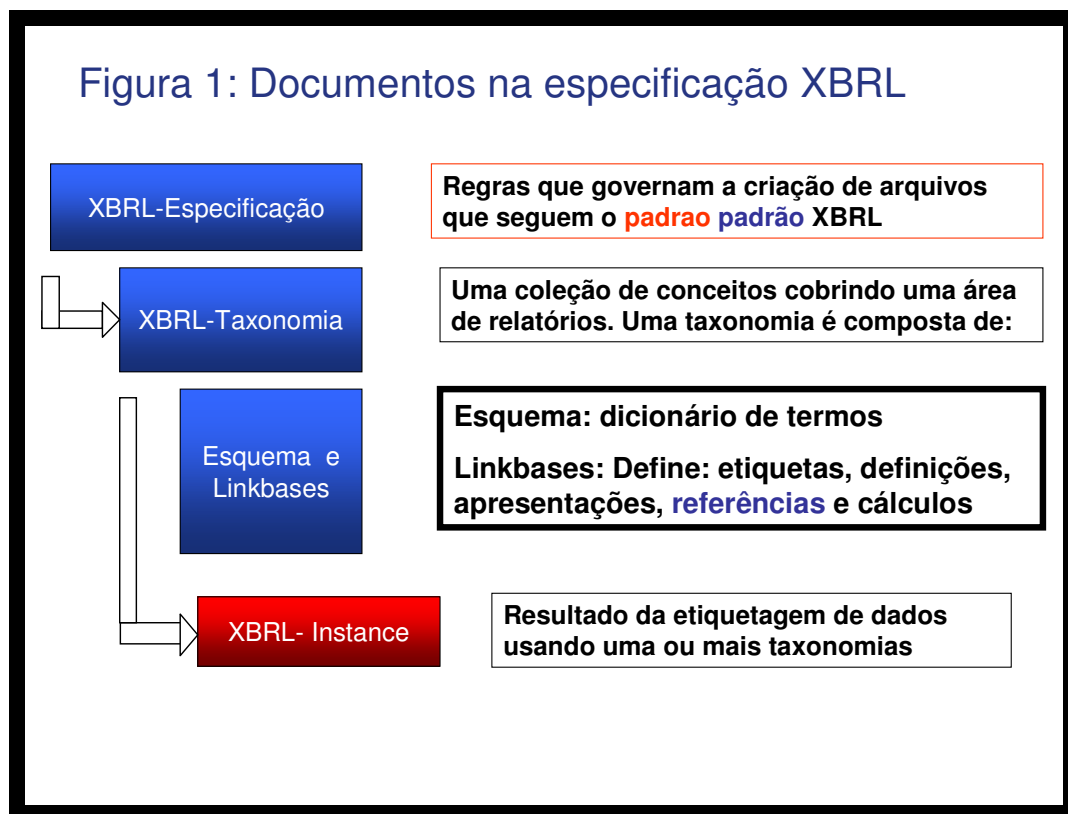
Hoje a informação chega em formato ASCII ou HTML, sendo re-digítada para uso em outros programas ou planilhas de cálculo. Com XBRL haverá um único formato, em que cada dado tem uma série de “etiquetas” (*data-tag*). Por exemplo, o valor de contas a receber no balanço de uma empresa seria, digamos, \$100,00 e etiquetas explicariam que isto é “Contas a Receber”, usando a taxonomia colocada na internet em tal, ou tal lugar, especificando o valor, a unidade (milhões ou milhares) e a moeda (Reais). Essa informação é então passada em formato único para o usuário, que poderá inseri-la diretamente, on-line, em seu sistema, em planilha ou texto. Isto evita que os dados sejam re-digítados várias vezes para chegar ao destino.

Tal procedimento trará uma enorme economia de tempo e eficiência na manipulação de dados.

Com XML / XBRL é possível obter:

- Separação entre conteúdo e sua formatação;
- A informação pode ser processada e também apresentada;
- Os sistemas de informação são extensíveis, através do uso de links;
- Permite que softwares distintos interajam entre si;
- Fácil “parsing” e transformação;
- Múltiplas formas de adicionar significado à informação; e
- Contém folhas de estilo, esquemas, “namespaces”, arquiteturas, etc.

Esses pontos estão contidos nos quatro elementos fundamentais descritos na Figura 1, abaixo.



4 OBSTÁCULOS NA IMPLANTAÇÃO DA NOVA TECNOLOGIA

Quando a indústria fonográfica desenvolveu a música digitalizada, demorou até chegar a um consenso em relação ao tamanho do disco (CD) a ser comercializado.

Um problema análogo ocorre com XBRL, que surgiu há bastante tempo, sem que a tecnologia tenha sido adotada pelas empresas. O problema central está em conseguir o consenso das empresas quanto à linguagem comum, para manipular os dados.¹²

No caso de informações financeiras essa identificação comum a todos é crucial, pois, significa organizar as palavras de modo padronizado, visando facilitar a busca de informação no banco de dados. É um trabalho *menos* de tecnologia e mais *humano*; por isso a demora na sua implantação.

A Microsoft foi pioneira em adotar XBRL. Outras empresas a adotaram em seguida: EDGAROnline¹³, uma empresa distribuidora de informações contábeis e financeiras; Reuters, especializada em mídia financeira; General Electric e algumas outras. A tecnologia XBRL continua a ser divulgada em várias partes do mundo, com apoio do *International Accounting Standard Board* – IASB¹⁴. Recentemente recebeu o apoio da SEC que reconheceu as suas vantagens na “melhoria de qualidade informativa para investidores e usuários diversos”¹⁵.

Mesmo com todo esse apoio, sua adoção tem sido lenta. Podemos citar alguns motivos do atraso na implantação da nova tecnologia:

No momento em que XBRL estiver disponível, as empresas de mídia financeira já

estabelecidas, como Bloomberg, Compustat (subsidiária da Editora McGraw Hill) e outras,

serão competidoras fortes ao padrão. O investimento interno de troca de software e sistema e para esta implantação há sempre um dispêndio material.

Os executivos deram prioridade à lei Sarbanes-Oxley e as novas práticas de governança corporativa, dedicando menos tempo para estudar novidades tecnológicas não-essenciais. A lei surgiu no rastro de grandes fraudes financeiras, obrigando os Conselhos de Administração das empresas abertas norte-americanas a se tornarem mais independentes da Diretoria Executiva e transparente com o público investidor.

O conceito e o processo de um novo padrão de informação financeira são por demais abstratos para pessoas comuns. Mesmo executivos de grandes empresas têm dificuldade de entender o que seja “etiquetagem de informação”, aguardando sua maior disseminação no meio comercial para aplicá-las em seu ambiente. Em sua essência o XBRL é um elemento de infra-estrutura e quando seu uso for onipresente, bem arraigado, os usuários esquecerão de sua existência.

Por último, “para implantação de XBRL é necessária uma coalizão dos usuários da informação financeira, tanto dos que fornecem a informação, como dos que dela se utilizam” O dado transferido tem de ser formatado em XBRL, na origem e no destino, para poder ser manipulado, posteriormente.

5 TAXONOMIA – UMA INTRODUÇÃO DE COMO FUNCIONA O SISTEMA XBRL

“XBRL foi desenvolvida com o objetivo de criação de um modelo para construção de vocabulários para uso na preparação e intercâmbio de relatórios financeiros, especificamente para a área contábil, incluindo, as não se limitando a demonstrativos contábeis”.

Taxonomia é a ciência de classificação

¹² Ver Kerstetter, Jim; “After Sarbanes Oxley, XBRL?”; revista Business Week, 8/Fev./2005

¹³ Para maior detalhe ver EDGAROnline.com

¹⁴ IASB - É uma entidade sem fins lucrativos, com objetivo de harmonizar práticas contábeis e estimular a pesquisa em novas tecnologias, contabilização de operações e relatórios financeiros.

¹⁵ Ver Kerstetter, Jim; Op. Cit.

das palavras.¹⁶ As taxonomias são os dicionários” usados pela linguagem XBRL. Pode-se vê-la, também, como a “Biblioteca” dos termos financeiros, adotados na preparação dos relatórios. Definem as etiquetas específicas para dados individuais. Por exemplo, elemento da taxonomia nº6 = “Ativo Circulante - Caixa”.

O processo de implantação de um sistema de etiquetagem de dados é complexo. Baseia-se em dois vetores: a taxonomia – criação e estruturação dos elementos – e *linkbases*, que definem a estrutura dos relacionamentos entre os elementos. Por exemplo, abaixo se encontram um conjunto de contas e sub-contas.

A1	ATIVO PERMANENTE
A11	Ativo Imobilizado
A111	Edifícios
A1111	Edifícios - Almoxarifado
A1111 xxx	Lançamentos Contábeis

A1, A11, etc, são os códigos de identificação de cada conta. A conta *Almoxarifado* é um elemento que espelha a consolidação dos *lançamentos contábeis* aportados àquela conta; *Edifícios* é um elemento que depende da consolidação de Almoxarifado com outras sub-contas, o mesmo acontecendo com *Imobilizado*.

O elemento mais singelo de todos é o *lançamento contábil*. Para haver um livre intercâmbio de dados de um sistema para outro, é necessário que a maioria dos lançamentos seja padronizada. Por exemplo, num *mundo ideal* o saldo da conta “Fornecedores” deve ter um mesmo conjunto de informações – nome da conta, valor, moeda, unidade, etc. O Plano de Contas, da empresa X ou da empresa Y, pode ser diferente. Mas em princípio, se o elemento singelo estiver padronizado, poderá sair de um sistema e entrar em outro com um plano de contas completamente diferente. Até agora isto não foi possível. Existe um dialeto de XBRL chamado XBRL.gl que funciona ligado ao livro Razão, porém, não se conhece qualquer linguagem em nível de transação. No momento as taxonomias são desenhadas com base nos

saldos das contas, algumas descendo a nível mais analítico que outras.

A taxonomia exige uma padronização dos elementos singelos para que os dados sejam completamente intercambiáveis. No exemplo acima se vê, também, porque o instrumento XBRL é independente de Planos de Conta ou sistemas de informação. Se o plano de contas de uma empresa não for coerente com a taxonomia a ser adotada, a empresa pode criar sua “taxonomia de extensão”, que serve para complementar a taxonomia pública vigente, com elementos que até então não existam.

São os *linkbases* que informam o *relacionamento* entre os elementos singelos (lançamentos) e a respectiva conta (elemento composto), e entre as diversas contas superiores. Em princípio, se os *linkbases* forem bem programados e a taxonomia for à mesma para um mesmo tipo de indústria, pode-se consolidar balanços de diferentes empresas com rapidez e relativa simplicidade, a partir dos lançamentos contábeis.

Na prática, diferentes Taxonomias e *linkbases* terão de ser desenvolvidas de forma a refletir legislações distintas, conforme o país. No Brasil o Ativo é dividido em três grupos (Circulante, Realizável em longo Prazo e Permanente) e nos Estados Unidos em dois (Corrente e Não-Corrente). Da mesma forma, um ramo de atividade particular, como bancos ou hospitais, irá demandar uma taxonomia específica para cada um refletir, corretamente, suas peculiaridades.

Caso a padronização dos elementos *singelos* venha a ter uma taxonomia universal em XBRL, será possível intercambiar dados contábeis entre empresas distintas, não importando o país onde esteja localizada a empresa.

Os usuários de informação financeira poderão então automatizar sua manipulação, liberando-se de tarefas de re-digitação e montagem de relatórios, para dedicar-se ao trabalho mais nobre de análise, avaliação de performance e tomada de decisão. Por exemplo, um departamento de Gerência de Crédito

¹⁶ Dicionário Aurélio

poderá:¹⁷

- Obter dados com rapidez, via relatórios automatizados;
- Reduzir seus custos de processamento de dados;
- Comparar e analisar a informação financeira de forma confiável;
- Verificar o desempenho financeiro de modo mais rápido e eficiente; e
- Pesquisar e simular decisões mais facilmente

As decisões em empresas fornecedoras de seguro de crédito dependem do acesso rápido e confiável de grande quantidade de informações atualizadas, permanentemente. Não é por acaso que algumas empresas americanas, nesse ramo de atividade, já estão operando com XBRL, reconhecendo as vantagens que a tecnologia proporciona.

6 HARMONIZAÇÃO CONTÁBIL

A estrutura dos sistemas de informação contábil é similar em todo o mundo. Débitos são iguais a Créditos, seja no lançamento francês, brasileiro ou chinês; ativo = passivo + patrimônio líquido em qualquer lugar. O sistema de partidas dobradas, popularizado por Luca Pacioli, em 1494, continua sendo o padrão em nosso planeta¹⁸.

Entretanto, a maneira com que determinada operação (P/ex: leasing financeiro de avião) é registrada nos livros, segue Princípios Contábeis que variam conforme a região. Além disso, a contabilidade baseada em dados históricos serve para publicar balanço, mas é inadequada para relatórios gerenciais. Daí o surgimento de sistemas de custo-padrão, custeio

por atividade (ABC), valor econômico adicionado (EVA) e outros.

O IASB está criando um padrão de regras contábeis único para o mundo. Porém apesar de sua vigência teórica começar em 2005, muitos anos se passarão até existir um padrão internacional homogêneo, estável e, mais do que tudo, respeitado.

A partir de 1990, tão logo a globalização do comércio se tornou uma realidade, os contadores procuraram harmonizar a forma de registrar as operações e de apresentá-las nas Demonstrações Contábeis. Surgiram novos livros sobre o assunto e as universidades introduziram, em seus cursos, disciplinas de “Contabilidade Internacional”.

Começou-se a pesquisar a prática contábil em diferentes regiões do mundo, separando-as em blocos. O Quadro I abaixo traz um exemplo de classificação. Foge ao escopo deste trabalho detalhar as diferenças entre cada bloco.

Os Estados Unidos, com seu imenso mercado de capitais, tornou-se o líder natural do processo de harmonização. São cada vez mais freqüentes empresas de todas as partes do mundo buscar recursos em Wall Street, o que as obriga seguir as regras contábeis americanas – US-GAAP.

Por outro lado seria utópico supor que um só país pudesse impor suas normas ao resto do mundo. Daí a busca pelo processo de harmonização.

Quadro I
Blocos Internacionais de Contabilidade¹⁹

Bloco Anglo Saxônico Estados Unidos Reino Unido	Bloco Nórdico Holanda Suécia
Bloco Germânico Alemanha Suíça	Bloco Latino França Itália
Bloco Asiático Japão	

¹⁷ Ver XBRL.org ; XBRL and Business; Banking, Loan and Credit Management in XBRL

¹⁸ Pacioli não inventou o sistema de partidas dobradas como muitos pensam; apenas o popularizou com a publicação de seu trabalho matemático Summa Econômica. Ver Edwards, John R.; “A history of financial accounting”; Routledge, 1984

¹⁹ Choi, Frederick D.S. e Mueller, Gerhard G.; “International Accounting”; Prentice-Hall - 1992;

As normas de um país refletem a cultura de sua população.

Há diferenças importantes entre o sistema contábil norte-americano e o europeu. O primeiro é desenhado com foco mais gerencial, que para divulgação externa; os lançamentos são acumulados no livro razão em contas direcionadas à contabilidade gerencial, organizando, posteriormente, lançamentos específicos para o fisco. Na Europa, o nível de detalhe exigido pelo fisco e autoridades reguladoras é maior, fazendo com que haja pouca diferença entre as contas para controle gerencial e fiscal.²⁰ O projeto de convergência do IASB está tentando homogeneizar os dois padrões e coordenar modificações na emissão de novas regras.

Em contabilidade gerencial as diferenças são ainda maiores, devido à variedade de filosofias gerenciais e necessidades administrativas locais. Nos Estados Unidos, quando se fala em Contabilidade de Custos, imagina-se uma discussão sobre variações de preço de compra versus preço padrão; na Europa o assunto é abordado em torno da alocação de custos de uma conta sintética para centros de custo, mantidos em contabilidade separada. Nos Estados Unidos isso é parte do razão geral.

Nessa discussão, o ambiente regulatório brasileiro é mais próximo do Europeu, o que induz a prática contábil seguir um caminho similar.

São essas diferenças que tornam o estudo de harmonização contábil tão interessante, mesmo reconhecendo que trazem diversos problemas, quando se busca estabelecer padrões mundiais de harmonização.

7 HARMONIZAÇÃO E SEUS EFEITOS NA IMPLANTAÇÃO DE XBRL

A solução encontrada para harmonizar os diferentes interesses começou a surgir em 2000, quando a linguagem XML se tornou popular. Até então os americanos utilizavam a linguagem

ASC X12 e os europeus trabalhavam com EDIFACT. Ambas eram baseadas em EDI. Recentemente, procurou-se modificar os dois sistemas, desenvolvendo-se uma nova versão de EDI, baseada em XML.

Em paralelo, alguns organismos internacionais, como o IASB, divulgam XBRL e buscam harmonizar as diversas taxonomias existentes. Cada país envia sua versão para a Organização XBRL, uma entidade sem fins lucrativos, que colabora e orienta a sua implantação. O Quadro II abaixo ilustra o status atual de desenvolvimento em alguns países.

Quadro II

Desenvolvimento de Taxonomias

País / Jurisdição	Taxonomia	Nível de progresso	Status
Canadá	Demonstrações Contábeis Básicas	Reconhecidas	Draft
Alemanha	Princ. Cont. p/ indústria e comércio	Reconhecidas	Final
IASB	IFRS Regras Gerais 2004	Reconhecidas	Final
	IFRS Regras Gerais 2003	Reconhecidas	Final
Coreia	GAAP- Demonstrações Contábeis Básicas	Reconhecidas	Draft
Nova Zelândia	GAAP p/ indústria e comércio	Reconhecidas	Draft
Reino Unido	GAAP p/ indústria e comércio	Reconhecidas	Draft
Estados Unidos	GAAP p/ indústria e comércio	Aprovadas	Final
	GAAP p/ Bancos	Aprovadas	Final
	GAAP p/ Seguradoras	Aprovadas	Final
	Certificação para o SEC	Aprovadas	Final
	Demonstrações Gerenciais	Aprovadas	Final
	Demonstrações Contábeis completas	Aprovadas	Final

Fonte: www.XBRL.org

Inicialmente, as Taxonomias são *reconhecidas* por XBRL Internacional, por estar de acordo com as especificações da organização. São reconhecidas em relação a uma versão especial de especificação. Testa-se a taxonomia enviada com uma gama de aplicações de XBRL, as quais poderão ser modernizadas ou modificadas, periodicamente. Para serem *aprovadas*, as taxonomias devem obedecer a alguns critérios de qualidade, conforme abaixo:

- Obedecer ao manual de Arquitetura de Taxonomias para Relatórios Financeiros – FRTA – publicado em *Taxonomy Guidance*;
- Ter sido desenvolvida para a criação de um número de relatórios que sirvam para representar todas as informações, que originalmente pretendia abranger;

²⁰ XBRL for General Ledger, Op. Cit. pag 5

- Ter passado por um período de revisão pública após o *reconhecimento* inicial.

8 XBRL: CONSEQÜÊNCIAS NÃO-INTENCIONAIS

Como todo texto legislando sobre novos padrões, estes apresentam efeitos colaterais esperados e inesperados. Os proponentes de XBRL visualizaram um padrão comum de transmissão de dados contábeis a nível alto, para apresentar, especificamente, contas de resultado.

Os dados serão etiquetados ao nível de balanço e contas de resultado. Isto deve facilitar a transmissão de dados analíticos de nível muito alto (saldo de conta sintética, como “Ativo Circulante”) para os usuários externos. Sendo, porém, de pouco ou nenhum valor para o usuário interno ou especializado. A comunidade XBRL vem, paulatinamente, entendendo esse cenário e está desenvolvendo XBRL/GL, um dialeto para o livro Diário e Razão, que apresenta uma série de elementos ao nível de transação. Entre os efeitos não-intencionais encontramos:

1. Forte pressão para a adoção de planos de contas padronizados;
2. Pressão para seguir os padrões internacionais compatíveis de modo a permitir a consolidação de subsidiárias de diversos países;
3. Pressão para desenvolvimento de um código padronizado de classificação industrial internacional; e
4. Dependendo das taxonomias adotadas, a aceitação de XBRL *pode levar a uma menor transparência nos relatórios financeiros, ao invés de mais transparência.*

9 O PROJETO GALILEO

Até o momento examinamos os instrumentos XBRL e a linguagem XML para transmissão de dados contábeis. Agora

abordamos um dos projetos que estão surgindo, com objetivo de oxigenar o sistema contábil introduzindo novos elementos, considerando a facilidade trazida pelos novos instrumentos.

A partir do ano 2000 o *American Institute of Certified Public Accountants* – AICPA – instituiu um comitê (*Starr Committee*) com objetivo de repensar a forma de evidenciação contábil. Posteriormente, em 2004, o comitê modificou-se, tornando-se um consórcio internacional de usuários da informação contábil. Foram produzidos alguns trabalhos preliminares, dos quais um dos mais promissores foi o “Projeto Galileo”.

Segundo o modelo Galileo, “o uso do sistema atual de demonstrações contábeis é centrado no Balanço Patrimonial e na Demonstração de Resultado, preparados e distribuídos pela Direção das empresas. O sistema contábil foi desenvolvido a partir da premissa que os usuários eram ingênuos e pouco instruídos e que a transmissão das informações era um processo caro e demorado”.²¹ Ambas as premissas caem por terra no mundo moderno. O fascínio com o lucro decorre da dificuldade em lidar com dados esparsos e em excesso. Vários analistas acabam por descartar as demonstrações contábeis em favor de buscar artigos em revista, na internet, TV ou em palestras, além de montar seus próprios modelos para apreciar o desempenho organizacional.

A re-engenharia do sistema de evidenciação contábil tem premissas exatamente opostas às anteriores: (1º) a tecnologia reduziu o custo de preparar e publicar informações financeiras em grande detalhe e (2º), os usuários estão mais sofisticados e capazes de montar seus próprios critérios de avaliação de desempenho.

Galileo aborda a evidenciação visando corrigir o problema até hoje insolúvel de *assimetria informacional* entre acionistas e administradores. Os primeiros preocupam-se apenas com o desempenho financeiro da empresa refletida no valor de mercado da ação, enquanto

²¹ Vasarhelyi, M. e Alles M.; “The Galileo Model – reengineering Business Reporting”; in Rutgers.edu/Galileo

os administradores estão focados na gestão dos ativos, através dos relatórios gerenciais.

Entre os problemas abordados estão alguns de difícil (senão impossível) solução. Abaixo constam alguns exemplos:

- Consolidação – em empresas excessivamente diversificadas, a soma das partes cria uma falsa realidade. Por exemplo, misturam-se, num saldo de

Contas a Receber, números com origens bem distintas, obscurecendo a mensuração do desempenho, ao em vez de torná-lo transparente.

- Intangíveis – Propriedade intelectual, marcas, recursos humanos, reputação e outros itens, são ativos de avaliação pouco precisa. A idéia proposta é buscar pontos de comparação conforme o Quadro IV abaixo:

Quadro IV

Evidenciação de Informações Adicionais

ITEM	Ponto de Comparação
Recursos Humanos	matriz de calculo do passivo atuarial
	Estimativa de gastos em treinamento
Capital Intelectual	Avaliação externa da propriedade intelectual
	Num. De patentes obtidas e comercializadas
	Gastos em Pesquisa e Desenvolvimento
Marketing	Fatia de mercado
	Ranking da empresa em seu ramo de atividade
Marcas	Método de avaliação

- Materialidade – O conceito de “valor justo” sempre foi um tópico subjetivo, entrelaçado ao conceito de relevância informativa. A nova tecnologia irá permitir que diversos procedimentos analíticos de avaliação de saldos e de controle interno sejam automatizados, permitindo à auditoria externa um trabalho contínuo, ao em vez de periódico.
- Informação viciada, errada ou sem transparência – O Relatório Anual (*Annual Report*) é uma mistura de texto sério e de relações públicas da empresa. Galileo propõe que os usuários e empresários tenham uma atitude de maior cooperação, como aconteceu antes da emissão do FASB 133, que trata de Instrumentos Derivativos.
- Operações fora do balanço – Existem contratos com cláusulas contendo passivos importantes não divulgados no Relatório Anual. Por exemplo, um contrato com fornecedor em que a

empresa aceita de volta o estoque encalhado. Ou a obrigação consensual (às vezes sem contrato) de limpar o meio ambiente, após o uso durante dez anos. A proposta é criar novos itens de evidenciação, como o número e descrição dos processos em litígio ou investigação do governo.

- Avaliação – Em alguns países, especialmente os Estados Unidos, o ambiente comercial é fortemente litigioso. Por isso, quando se pensa em avaliar e evidenciar ativos intangíveis, a tentação imediata é de ater-se a valores históricos, por ser objetivo e facilmente verificável. Uma possibilidade é introduzir índices de avaliação que sirvam de indicadores para ajustar os valores históricos.

Em resumo, a linha de conduta do Projeto Galileo é que qualquer que seja o novo modelo de Relatório Contábil, ele certamente incluirá estimativas de resultados futuros, valores baseados em probabilidade e medidas não

financeiras. “É melhor ser relativamente certo do que absolutamente errado”.²²

10 CONCLUSÃO: AFINAL, ONDE ESTAMOS?

A criação de um Comitê de discussão futurística sobre como revigorar o sistema contábil só é possível, dada a certeza de que existe hoje tecnologia confiável e disponível para alcançar esse objetivo. O suporte dos órgãos contábeis profissionais mais importantes do mundo, como o IASB, SEC, AICPA e seus congêneres europeus, corroboram esta percepção.

O Projeto Galileo, desenvolvido por um consórcio de usuários da informação financeira, procura enfrentar os problemas mais controvertidos da contabilidade. O caminho encontrado parece ser (1º) o de prover informação atualizada on-line e (2º), transferir mais responsabilidade ao usuário dos dados, ao em vez de promover um Relatório Anual, mais sofisticado.

A tecnologia XBRL, apoiada na linguagem XML, ajuda a alcançar esses objetivos ao capturar dados diretamente do Razão, enviando-os para outro ambiente, sem necessidade de re-digitação. Sua disseminação vai trazer eficiência no meio empresarial e no trabalho de análise de investimentos, beneficiando tanto o administrador, como o acionista ou credor.

As novas tecnologias não serão implantadas suavemente. Existem sistemas menos eficientes em funcionamento, operados por empresas financeiramente muito fortes. Só irão descontinuar seus produtos caso possam, também, se beneficiar de XBRL ou caso haja uma imposição legal. Além do fator “Concorrência” existe a dificuldade de elaborar taxonomias que se harmonizem, a fim de viabilizar o livre intercâmbio de informação, em diversas regiões.

11 BIBLIOGRAFIA

- Vasarhelyi, M. e Alles M.; “The Galileo Model – reengineering Business Reporting”; in Rutgers.edu/Galileo
- Choi, Frederick D.S. e Mueller, Gerhard G.; “International Accounting”; Prentice-Hall – 1992
- XBRL.org; XBRL and Business; Banking, Loan and Credit Management in XBRL
- Edwards, John R.; “A history of financial accounting”; Routledge, 1984
- Da Silva, Paulo C. e Sulaiman, Alberto; “XBRL, Regras de Negócios e Relatórios financeiros”; KMBRASIL, 2003, São Paulo, Anais
- Kerstetter, Jim; “After Sarbannes Oxley, XBRL?”; revista Business Week, 8/Fev./2005
- EDGAROnline.com
- XBRL for General Ledger, descriptive document in *XBRL.org*; maio 2001
- Business Reporting on the Internet; IASB.org
- Alison, Thomas; “A Tale of Two Reports”; European Business forum, nº 16, Winter 2003/4
- Hamcher, Walter (editor); Financial reporting taxonomies architecture 1.0 recommendation; www.xbrl.org/technical/guidance/FRTA-RECOMMENDATION-2005-04-25.htm
- F. D. Hodge, S. J. Kennedy and L. A. Maines; “Does Search-facilitating Technology Improve Transparency?”; Accounting Review, July 2004; <http://ssrn.com/abstract=351440>
- IFRS Taxonomy Framework; <http://xbrl.iasb.org>
- International Standards Organisation.; ISO 4217 Currency codes, ISO 639 Language codes, ISO 3166 Country codes, ISO 8601 international standard numeric date and time representations.; <http://www.iso.ch/>
- World Wide Web Consortium; Namespaces in XML; <http://www.w3.org/TR/REC-xml-names/>

²² Vasarhelyi e Alles, Op. Cit. Pág 19

International Standards Organisation; ISO 4217
Currency codes, ISO 639 Language codes,
ISO 3166 Country codes, ISO 8601
international standard numeric date and
time representations; <http://www.iso.ch/>
US Financial Reporting Taxonomy Framework;
[http://xbrl.org/us/USFRTF/2005-02-
28/TaxonomyFrameworkOverview.htm](http://xbrl.org/us/USFRTF/2005-02-28/TaxonomyFrameworkOverview.htm)
US-GAAP Commercial and Industrial
Taxonomy;
<http://www.xbrl.org/us/fr/gaap/ci/>
World Wide Web Consortium; “XML Schema
Part 0: Primer”;
www.w3.org/TR/xmlschema-0/
World Wide Web Consortium; “XML Schema
Part 1 Structures”;
www.w3.org/TR/xmlschema-1/
World Wide Web Consortium; “XML Schema
2- Datatypes”;
www.w3.org/TR/xmlschema-2/
Calvert, P. and J. MacDonald; “XBRL
Taxonomy Recognition Process”;
<http://www.xbrl.org/TaxonomyRecognition/>
The 'Lectric Law Library; www.lectlaw.com/
Walter Hamscher (editor), Hugh Wallis;
“XBRL Link Role Registry, Candidate
Recommendation”; www.xbrl.org/LRR/